



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A emergência do ativismo gordo no Brasil a partir de mulheres gordas

Natália Fonseca de Abreu Rangel

nataliafarangel@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Brasil

Orientadora: Prof^a Dra. Marcia da Silva Mazon

RESUMEN

O presente trabalho se trata do resumo do primeiro capítulo da dissertação que eu e minha orientadora Marcia da Silva Mazon estamos desenvolvendo sobre ativismo gordo no Brasil no contexto sócio-político atual.

Apresenta-se a partir de bibliografia das áreas da saúde, sociologia, psicologia e estudos feministas dois temas principais que vão nortear as discussões sobre gordura corporal, e, por conseguinte, o ativismo gordo, constituindo assim seu estado da arte. São eles: a construção social da obesidade enquanto doença e a estigmatização dos corpos gordos considerando a valoração moral à qual esses corpos estão submetidos de maneira hegemônica.

Por fim, se apresenta uma breve história do ativismo gordo no mundo e na América do Sul para que possamos no decorrer da dissertação discutir a posição de diferentes agentes e suas práticas e estratégias bem como as possíveis deformações que essas práticas causam em especial nos campos da saúde, científico e do mercado a partir de Bourdieu.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This work is the summary of the first chapter of the dissertation that I and my counselor Marcia da Silva Mazon are developing on fat activism in Brazil in the current socio-political context.

From the bibliography of the areas of health, sociology, psychology and feminist studies, two main themes guide the discussions about body fat and, consequently, fat activism, thus constitute its state of the art. They are: the social construction of obesity as a disease and the stigmatization of fat bodies, considering the moral valuation to which these bodies are subjected in a hegemonic way.

Finally, we present a brief history of fat activism in the world and in South America so that during the dissertation we can discuss the position of different agents and their practices and strategies as well as the possible deformations that these practices cause especially in the fields of health, and scientific market (based in Bourdieu's theory).

Palabras clave

Ativismo gordo, estigmatização, gordofobia.

Keywords

Fat activism, stigmatization, fatphobia.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

A temática relacionada ao corpo gordo é inter e transdisciplinar. No entanto, a maioria da bibliografia disponível sobre o corpo gordo encontra-se nos estudos sobre saúde, identificando o corpo gordo como obeso (POULAIN, 2013).

Um dos obstáculos para a realização do levantamento bibliográfico é o pouco material sobre o corpo gordo em língua portuguesa ou espanhola que não trate a gordura necessariamente como doença e que trate do assunto da gordura corporal desde o sul do planeta. Assim, será apresentado também material que trata a gordura como doença e bibliografia que parte do norte do país para elaborar explicações, de forma a mapear o conhecimento estabelecido e consolidado sobre o tema.

Neste trabalho, partimos da perspectiva de que existem problemas sociais profundos como o modo de produção da alimentação dominante, superindustrialização de alimentos contendo altos níveis de sódio, corantes, gordura e conservantes (MAZON, 2010; NESTLE, 2003) assim como problemas relacionados à reprodução da vida no modo de trabalho vivido no capitalismo flexível (SENNET, 1999) na contemporaneidade.

Entende-se que esses problemas afetam a saúde de todas as pessoas, magras e gordas e que o foco na patologização das pessoas gordas, contenção da gordura das pessoas e a cultura do emagrecimento, em especial por razões estéticas, endossa a estigmatização (GOFFMAN, 1988; STENZEL, 2002; POULAIN, 2013) e gera prejuízos na vida das pessoas gordas.

II. Marco teórico/marco conceptual

Para compreender como as práticas dos/as agentes do ativismo gordo se desenvolvem e afetam os campos científico, da saúde e do mercado partimos da teoria praxiológica de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Pierre Bourdieu (1983; 2007) utilizando seus conceitos centrais: campo, habitus, capital (cultural, econômico e social), estrutura estruturada e estruturante, opus operatum e modus operandi.

III. Metodología

Neste trabalho específico a metodologia utilizada foi de levantamento bibliográfico sobre o ativismo gordo, sendo que na dissertação a análise das práticas das/os agentes do ativismo gordo é feita a partir da realização de grupos focais com ativistas de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis.

IV. Análisis y discusión de datos

Estigmatização dos corpos gordos

O discurso das ciências da saúde têm um grande papel na forma como enxergamos os corpos. Por meio da normatização dos corpos busca-se classificar, qualificar e quantificar os corpos de maneira a estabelecer um padrão considerado normal enquanto outros corpos são considerados anormais quando não correspondem a esse padrão (FOUCAULT, 1979).

As construção dessa normatização na história da humanidade não é linear nem tampouco consensual (STENZEL, 2002; POULAIN, 2013). A gordura corporal neste quadro tem uma variação tanto no que é considerado ideal biologicamente quanto em seu sentido simbólico relacionado a valores morais.

Nos estudos feitos na área da saúde e alimentação (NESTLE, 2003; POULAIN, 2013), entende-se a transição epidemiológica está intimamente ligada a mudanças na concepção do que é considerado excessivo em relação à massa corporal e do que é considerado ideal tanto em relação à saúde quanto na representação social do corpo gordo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Poulain (2013) esquematiza os períodos correspondentes à transição epidemiológica em relação com a gordura corporal. A transição epidemiológica corresponde às mudanças no índices de mortalidade e expectativa em relação às doenças dominantes de determinado período. A transição epidemiológica segundo Poulain (2013) pode ser dividida em três principais etapas:

Na primeira etapa temos a escassez alimentar como predominante. Assim, a comida é privilégio e ostentar sua abundância é sinal de status social. Há alto índice de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida. As principais causas de mortalidade são desnutrição, doenças infecciosas e parasitoses. A gordura nesta fase é valorizada.

Na segunda etapa os índices de mortalidade diminuem e “aparecem as doenças degenerativas (cardiopatía, câncer, etc.)” (POULAIN, 2013, p. 53). Esse período é conhecido como período de transição em que a expectativa de vida começa a aumentar. A magreza passa a ser aos poucos desejável.

Na terceira etapa as doenças degenerativas se firmam como principais causas de mortalidade (ao invés das doenças infecciosas). A expectativa de vida aumenta e as populações envelhecem cada vez mais. A magreza é valorizada e há, com o passar do tempo, a massificação de um padrão estético corporal e estigmatização das pessoas gordas. A magreza passa a ser vista como indicador de saúde.

Tabela 1. Ação a alimentação na transição epidemiológica.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tabela 5. Ação da alimentação na transição epidemiológica.

Etapas	Causas de mortalidade	Esperança de vida e taxas de mortalidade	Papel da alimentação	Diferenciação social
1 – “O tempo das epidemias e das fomes”	<ul style="list-style-type: none"> - Doenças infecciosas - Carências - Doenças parasitárias 	<ul style="list-style-type: none"> - Esperança de base +/- 40 anos - Mortalidade infantil elevadíssima - Mortalidade elevada em função das epidemias 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentos escassos e incertos - Dependência ecológica forte 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da fartura como distinção social - A deslocalização como distinção
2 – Transição	<ul style="list-style-type: none"> - Regressão das doenças infecciosas, carências, doenças parasitárias - Aparecimento das doenças degenerativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentos da esperança de vida ~ 60 anos - Diminuição da mortalidade infantil 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressos agrônomicos aumentando a disponibilidade de alimentos - Redistribuição programada 	<ul style="list-style-type: none"> - Estetização da alimentação de bom gosto - Diferenciação qualitativa regional - O gordo enquanto sinal de posição social
3 – “Instalação”	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição máxima da mortalidade por doenças infecciosas - Instalação e aumento de mortalidade por doenças degenerativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da esperança de vida ~ 70 anos 	<ul style="list-style-type: none"> - Fartura alimentar 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecimento da magreza como sinal de distinção social
4 – “O controle das doenças degenerativas”	<ul style="list-style-type: none"> - Equilíbrio entre 45 e 54 e regressão entre 55 e 75 anos das doenças crônicas 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da esperança de vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Superfartura alimentar, difusão dos conhecimentos sobre nutrição 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento do modelo de estética corporal de magreza - Magreza = Saúde
5 – As sociopatias	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento dos suicídios e mortes violentas - Aids - Distúrbios do comportamento alimentar, obesidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição da progressão da esperança de vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Superfartura alimentar - Anomia alimentar, “desregulação” 	<ul style="list-style-type: none"> - Intensificação da pressão do modelo de estética corporal de magreza - Estigmatização dos obesos

Fonte: Poulain, 2000

Fonte: POULAIN, 2011, p. 57.

Há, em todas as obras selecionadas neste levantamento bibliográfico sobre gordura corporal, o reconhecimento das dimensões políticas, históricas, culturais e biológicas que o corpo carrega na construção de seu significado simbólico. Os próprios corpos estão em constante transformação.

Segundo Stenzel (2002), o início do século XX é um marco do começo da estigmatização dos corpos gordos e valorização da magreza enquanto padrão ideal a ser alcançado. Stenzel (2002) cita Stearns que afirma que no período da Primeira Guerra Mundial é exigido o controle de peso de todos os estadunidenses que se considerassem patriotas, atribuindo uma conotação moral negativa atribuída ao considerado excesso de gordura corporal.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O corpo e as questões que o envolvem foram dominados inicialmente pela religião e filosofia, ao longo do tempo torna-se assunto primordial da medicina ganhando conotação moral (STENZEL, 2002, p. 40).

Não há data certa nem único responsável, mas sinais em que é possível identificar essa transformação da gordura antes tida como sinal de saúde e beleza para seu oposto:

“Essa ‘falência moral’ atribuída aos obesos começou a delinear-se no início do século XX (entre os anos 1880 e 1920) e parece persistir nos dias de hoje. Stearns (1997) comenta que, qualidades como a sensualidade, a graça e a elegância começaram a ser atribuídas àqueles que reduziam peso; e em contrapartida, eram cada vez mais frequentes as piadas e os *cartoons* ridicularizando personalidades públicas que apresentavam excesso de peso. Uma nova geração estava sendo criada, baseada não só em novos padrões de estética e beleza, mas sim baseada em um sentimento de ‘terror’ com relação ao excesso de peso. (STENZEL, 2002, p. 36)

O período de transição entre o século XIX e XX marca o aparecimento e consolidação do estigma em relação às pessoas gordas. Não é possível apontar para uma razão específica que justifique essa transformação, senão para um conjunto de fatores que vão corroborar para esse processo de estigmatização. É possível esquematizá-los da seguinte forma:

- Entre 1880 e 1910 o considerado excesso de gordura corporal passa a ser visto e apresentado negativamente pela publicidade e pela moda.
- A preocupação com a obesidade por parte dos estudos médicos vai se desenvolver a partir de 1900 (antes as causas de mortalidade predominantes como vimos eram as doenças infecciosas).
- A partir de 1903 as pesquisas científicas que são publicadas em jornais e revistas da área médica focam no tema da redução de peso. Como de forma generalizada entendia-se que a gordura protegia de doenças, houve inicialmente resistência da área.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Há evolução das campanhas contra o considerado excesso de peso. Aumentam as pesquisas sobre as doenças degenerativas (transição epidemiológica).

- A partir de 1905 a opinião da classe médica parece convergir e homogeneizar-se, considerando a obesidade um perigo a ser combatido.
- Depois de 1920 a atenção para o controle de peso e nutrição se intensificou (STEARNS, 1997; NASSER, 1997 apud STENZEL, 2002).
- Por volta de 1920 as mulheres passam a conquistar o direito ao voto no ocidente.
- Há crescente valorização de charlatães (Stearns apud Stenzel, 2002) especialistas em emagrecimento rápido. Há influência de técnicas dos charlatães na ação dos/as médicos/as.
- No séc. XX a obesidade passa a ser vista como excesso alimentar e falta de controle, culpabilizando o sujeito por seu fracasso em não emagrecer.

Inicialmente o foco das pesquisas estadunidenses e europeias sobre o considerado excesso de peso levavam em consideração a promoção da saúde e de bons hábitos alimentares (STENZEL, 2002). Posteriormente, com o enfoque da publicidade e dos meios de comunicação em massa na disseminação de um padrão estético magro, a medicina passa a desenvolver pesquisas sobre emagrecimento e controle alimentar: “A obesidade, antes atribuída a fatores biológicos e metabólicos, passou a ser vista como resultado dos maus hábitos alimentares’, ou seja há uma transferência de responsabilidade ao própria pessoa obesa. (STENZEL, 2002, p. 37). Assim, as dietas de emagrecimento, a proibição de certos alimentos considerados “engordantes”, vão tornando-se populares, aumenta a venda de medicamentos para emagrecimento, clínicas para emagrecimento e a restrição alimentar. De acordo com Stenzel (2002), em geral as dietas de emagrecimento têm o “aval” científico.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É importante ressaltar que apesar da medicina fazer parte do processo e contribuir para a estigmatização das pessoas gordas, ela faz parte de um conglomerado maior de interesses e percepções:

O autor [Stearns] acredita que a classe médica não provocou esta preocupação com o peso, mas sim tentou corresponder a um movimento e a uma pressão, já existente na sociedade. Porém, por outro lado ajudou a esculpir seus resultados e consequências, acrescentando ingredientes importantes na dinâmica deste processo. Nasser (1997) também reforça a ideia de que a medicina foi estimulada pelo movimento da moda em direção a magreza, e por este motivo passou a dar maior atenção ao tema. (STENZEL, 2002, p. 37)

De acordo com Stenzel (2002) há a tendência da uniformidade dos corpos em que modelos de vida e valores são exportados pela cultura ocidental. Essa tendência seria marcada pelos processos e homogeneização e normalização segundo Bordo:

“Primeiro, as representações [do corpo] *homogenizam*.” P 24 por ex. lábios grandes e trancinhas são aceitos em mulheres brancas. Modelos negras são geralmente mais claras e tem narizes finos.

“Segundo, essas imagens homogeneizadas *normalizam* - isto é, elas funcionam como modelos contra os quais o indivíduo continuamente mede, julga, “disciplina” e “corrige” a si mesmo.” (BORDO, 1993, p. 25)

Uma das importantes formas de mapeamento das massas dos corpos na sociedade moderna foi o estabelecimento de um índice de mensuração que classificar de maneira rápida as categorias corporais de grandes populações, o Índice de Massa Corporal (IMC). O IMC atualmente baseia-se na classificação do corpo em 7 categorias: baixo peso, peso normal, sobrepeso, pré-obeso, obeso I, obeso II e obeso III¹. Para se chegar a uma classificação realiza-se o cálculo massa dividida por altura ao quadrado². Este índice foi entendido pela ciência médica inicialmente como uma ferramenta facilitadora

¹ Inicialmente o IMC foi uma ferramenta de busca de entendimento da evolução da gordura corporal durante o crescimento do ser humano, primeiramente por Buffon (A/M^3) e depois aprimorada por Quetelet (M/A^2), tendo o segundo publicado sobre o tema em 1948 (POULAIN, 2013).

² (IMC = massa (kg)/ altura . altura (m))



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

para a comparação entre populações, não tendo sido desenvolvido para avaliação individual de um ser humano.

Tabela 2. Classificação de peso pelo IMC

Tabela 1 - Classificação de peso pelo IMC ¹² (D)		
Classificação	IMC (kg/m ²)	Risco de comorbidades
Baixo peso	< 18,5	Baixo
Peso normal	18,5-24,9	Médio
Sobrepeso	≥ 25	-
Pré-obeso	25,0 a 29,9	Aumentado
Obeso I	30,0 a 34,9	Moderado
Obeso II	35,0 a 39,9	Grave
Obeso III	≥ 40,0	Muito grave

Fonte: http://www.abeso.org.br/pdf/diretrizes_brasileiras_obesidade_2009_2010_1.pdf

Segundo Poulain (2013) essa classificação é recente e só passou a ser dominante no fim da década de 1990. Por sua simples aplicação e pela possibilidade comparativa entre populações o IMC se generaliza como forma principal de mensuração a partir de 1998 (POULAIN, 2013). Uma das críticas ao IMC é, além de certa arbitrariedade no estabelecimento das classificações, o fato de que não são levados em consideração fatores de distinção de idade, sexo e etnia e de ser amplamente aplicado a pacientes individuais.

Poulain (2013) vai chamar a atenção sobre a influência de *lobbies* (principalmente o alimentício e o farmacêutico) sobre as pesquisas acadêmicas relacionadas aos “males da obesidade”.

Ainda de acordo com Poulain (2013, p. 190), os industriais estadunidenses fazem um jogo triplo dos industriais americanos em que introduzem produtos no mercado para



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

aumentar a ingestão de alimentos (*snacks* - como biscoitos, barrinhas de cereal, refeições rápidas, etc.), ao mesmo tempo em que apoiam ações de intervenção junto a órgãos nutricionais públicos e responsabilizam o indivíduo por suas escolhas de consumo.

Ativismo gordo

As teorias feministas têm um forte impacto no entendimento do corpo enquanto um campo político. O ativismo gordo, inicialmente desenvolvido a partir dos Estados Unidos³, tem influência, do ativismo feminista. Aqui apresentaremos as perspectivas feministas que influenciam os ativismos gordos do norte e do sul do país, de forma que não necessariamente concordamos com os embasamentos teórico-ideológicos apresentados.

Bordo (1993) coloca que o feminismo questiona algumas dualidades filosóficas que o corpo carrega como corpo/alma e razão/emoção. O corpo e a emoção frequentemente são tidos como mais femininos, em oposição à alma e a razão, pertencentes ao homem, superior em raciocínio lógico e ponderação.

As teorias feministas elaboraram explicações sobre as dietas para além do desejo de beleza. De acordo com Wolf (1993), as relações alimentares desde a produção das refeições até o ato de alimentar-se produzem distinções de gênero que operam de maneira a reafirmar o poder masculino sobre a mulher bem como designar o lugar da mulher na relação com a comida. A mulher é tida como a pessoa que “serve” e a pessoa que “cede”, sendo instruídas a deixar sempre uma quantidade maior de alimentos para os homens, independentemente da situação. A restrição alimentar é vista pela autora como uma forma de restringir o poder feminino.

³ Dentre os países com maior número de pessoas consideradas obesas no mundo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para Wolf (1992), uma das feministas que influenciaram no movimento anti-dieta, a ligação entre o período em que começa a onda das dietas de emagrecimento vai além do modismo. A autora liga esse período, que situa entre 1918 e 1925, ao período em que as mulheres começaram a conquistar o direito ao voto nos países ocidentais (em torno de 1920). As dietas seriam um potente sedativo político para as mulheres que passariam mais tempo a preocupar-se com a busca pelo corpo ideal do que pela conquista de direitos. Esta perspectiva coloca um inimigo invisível externo, uma força masculina que condiciona as mulheres.

Nossa perspectiva difere sobre a relação entre mulheres e homens a partir da dominação masculina difere da de Wolf e de outros/as autores/as apresentados/as aqui. Entendemos que Bourdieu (1983;2007) contribui na compreensão do processo da dominação masculina, central na discussão deste trabalho, a partir do estranhamento da naturalização das diferenças entre o sexo masculino (considerado racional, forte e dominante) e o sexo feminino (considerado emocional, frágil e subordinado). Para o autor, a concretização de tal dominação simbólica, só é possível por causa de esquemas interpretativos históricos duradouros, inculcados de tal forma que a violência simbólica é de maneira geral, aceita. Um dos conceitos centrais que utiliza para compreender a dominação simbólica é o de *habitus*. O *habitus* compreende a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, p.1), portanto, dos esquemas de entendimento que funcionam como estruturas estruturadas e ao mesmo tempo estruturantes da realidade, fazendo parte de um esquema de interpretação, escolhas e práticas:

O efeito da dominação simbólica (seja ela étnica, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não pela lógica pura das consciências cognoscentes, mas por meio dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos do *habitus* e que fundamentam, para além das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a si mesma. Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, da qual se pode dizer ao mesmo tempo e sem



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

contradição que é espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duráveis que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens). Ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com essa ordem que se impõe. (2007, p. 7-8)

Apesar de nossa perspectiva teórica de análise da realidade diferir de algumas/alguns autoras/es apresentadas/os, é importante expormos ideias que contribuíram para a constituição do ativismo gordo e exercem influência sobre ele até os dias de hoje.

O termo gordofobia é recente, mas os estudos sobre a gordura corporal já tem pelo menos 50 anos de existência, principalmente dentro dos estudos estadunidenses chamados por sua temática de *fat studies* (CAHNMAN, 1968; ALLON, 1981)⁴, de onde saíram os primeiros estudos sobre o tema. Atualmente, de acordo com Lupton (2013), é possível dividir os estudos sobre gordura corporal em pelo menos 5 abordagens:

- Anti-obesidade: por meio desse discurso entende-se que a gordura corporal em excesso relativa ao Índice de Massa Corporal (IMC) é nociva e um assunto de saúde pública em que deve-se prevenir os/as cidadãos/ãs contra o sobrepeso e a obesidade, entendida enquanto doença e combatê-la.
- Biomédico-crítico: não aceita a ideia de “epidemia da obesidade, entende que ser gordo/a não necessariamente significa estar doente, estando em risco apenas as pessoas com obesidade mórbida pelo IMC, atividades físicas regulares são mais importantes para a saúde do que a massa corporal, gordura corporal é um sintoma e não uma doença, dietas podem ser prejudiciais à saúde. Dentro dessa perspectiva há estudiosos que

⁴ CAHNMAN, Werner. *The Stigma of Obesity*. Sociological Quarterly, 1968 ALLON, Natalie. *Psychological Aspect of Obesity: a Handbook. The Stigma of Overweight in Overweight Everyday Life*. Nova York: Van Nostrand Reinhold, 1981. Outra autora que marca o ativismo gordo estadunidense é Susie Orbach com o livro “Gordura é uma questão feminista” lançado em 1978. O livro trouxe visibilidade para a questão da cultura da magreza e estigmatização da gordura como parte de assuntos feministas, afetando especialmente as mulheres.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

acreditam que o discurso anti-obesidade faz parte de estratégias propositais para fomentar a indústria farmacêutica e outras indústrias relacionadas ao emagrecimento.

- Libertários céticos: entendem que deve haver liberdade de escolha dos indivíduos em relação à alimentação e atividade física, não devendo o Estado assumir uma postura paternalista em relação à gordura corporal. Utilizam o discurso biomédico-crítico para endossar a ideia de liberdade de mercado, em especial de conglomerados de *fast food*. Dentro dessa perspectiva o discurso anti-obesidade restringiria a liberdade, sendo esse discurso por vezes referido pelos libertários céticos como socialista.
- Estudos críticos do peso/estudos gordos (*fat studies*): dentro dessa perspectiva, pesquisadores sociais levam em consideração o contexto que envolve os estudos médicos, entendendo que o discurso anti-obesidade não é construído deliberadamente para “enganar” a população, mas faz parte de um conjunto de interesses e ideias sobre saúde condicionadas por seu momento sócio-histórico. Dentro desses estudos críticos existem análises psicológicas, históricas, antropológicas, sociológicas, entre outras. Um conceito importante dentro dessa perspectiva é o conceito de biopoder.
- Ativismo gordo: os/as ativistas gordos/as buscam desafiar as ideias negativas e estigmatizadoras voltadas às pessoas como a associação de gordura com feiúra e doença, bem como melhorar a acessibilidade a espaços físicos para pessoas gordas buscando melhorar a qualidade de vida das dessas pessoas, acabar com o preconceito e incentivar a convivência com as diferenças das pessoas.

Um dos marcos da contribuição do feminismo enquanto movimento e teoria para o ativismo gordo estadunidense é a ideia de que “o pessoal é político”, em especial da segunda onda do feminismo do norte global⁵. A liberdade corporal, a sexualidade e as

⁵ Simone de Beauvoir é uma das precursoras da segunda onda do feminismo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

relações de dominação entre os sexos, assuntos considerados privado/pessoais, nesse período são fortemente questionados.

O ativismo gordo e os *fat studies* também vão ser influenciado pelo conceito de biopolítica de Foucault, a partir da noção de dissipação do poder de forma que este é incorporado pelos indivíduos e presente nas ações cotidianas também contribui no entendimento da autovigilância e vigilância constante dos pares na sociedade para que estes se estabeleçam dentro de diversas normas que vão dividir, controlar e categorizar os seres humanos (sem haver necessariamente uma contenção violenta explícita) especialmente com o auxílio da ciência estatística.

A ativista chilena castillo (2014) identifica o movimento *hippie* como o primeiro registro de uma ação e ativistas gordos/as em um protesto *hippie* nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã. Ocorreu um evento chamado “*Fat-in*” no Parque Central de Nova York, em ativistas gordos/as comeram sorvetes enquanto queimavam cartazes da modelo magra cultuada no momento, Twiggy.

Um dos marcos do ativismo gordo estadunidense foi a criação da NAAFA – National Association to Advance Fat Acceptance (Associação Nacional para o avanço da aceitação da gordura/dos(as) gordos(as) em 1969, considerada reformista por castillo (2014)). Esta associação, existente até os dias de hoje luta pelos direitos civis das pessoas gordas. Com influência dessa associação, o primeiro documento a esclarecer as pautas do ativismo gordo foi o “*Fat liberation manifesto*” escrito pelas ativistas gordas feministas radicais Judy Freespirit e Aldebaran, integrantes do *Fat Underground*⁶, em novembro de 1973. Essas movimentações políticas buscaram ir principalmente contra o discurso médico dominante, impulsionando a crítica à patologização das pessoas gordas, a luta pela acessibilidade dos espaços e enfatizando o papel do capitalismo a partir da

⁶ O *Fat Underground* foi um movimento de mulheres gordas estadunidenses com perspectiva feminista radical. Alguns de seus princípios eram que os/as médicos/as são inimigos/as e que a indústria do emagrecimento era genocida. Manteve-se em atividade durante os anos 70. Fonte: http://www.radiancemagazine.com/issues/1998/winter_98/fat_underground.html Acesso 23 mai 2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interpretação de que esse sistema corrobora para a opressão das pessoas gordas. Para entendimento da pauta do ativismo gordo neste momento e localidade, transcrevemos a tradução do Manifesto de Libertação das pessoas gordas:

1. Acreditamos que as pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e ao reconhecimento humanos.
2. Estamos zangadas com o mau tratamento devido a interesses comerciais e sexistas. Esses têm explorado nossos corpos como objetos do ridículo, criando assim um mercado imensamente lucrativo que vive de vender a falsa promessa que esse ridículo pode ser evitado ou aliviado.
3. Vemos nossa luta como aliada de outros grupos oprimidos contra classismo, racismo, sexismo, preconceito etário (ageism), exploração financeira, imperialismo, e outros.
4. Exigimos direitos iguais para pessoas gordas em todos os aspectos da vida, conforme prometido pela Constituição dos EUA. Exigimos igual acesso a bens e serviços na esfera pública, e um fim à discriminação contra nós nas áreas de emprego, educação, instalações públicas, e serviços de saúde.
5. Destacamos como nosso principal inimigo a assim chamada indústria de “redução”. Esta inclui clubes de dieta, spas, médicos de dieta, livros de dieta, comida de dieta, suplementos de comida, procedimentos cirúrgicos, inibidores de apetite, drogas e equipamentos de redução. Exigimos que essa indústria se responsabilize pelas suas promessas falsas, reconheça que seus produtos são perigosos à saúde pública, e publique estudos de longo prazo provando qualquer eficácia estatística dos seus produtos. Fazemos essa exigência sabendo que mais de 99% de todos os programas de perda de peso, quando avaliados num período superior a cinco anos, fracassam totalmente, e também sabendo dos perigos extremos e comprovados de mudanças frequentes no peso [o efeito sanfona].
6. Nós repudiamos a “ciência” mistificada que falsamente afirma que não somos saudáveis. Isso tem criado e mantido discriminação contra nós, em conluio com os interesses financeiros das empresas de seguro, da indústria da moda, das indústrias de redução, das indústrias de comida e medicamentos, e das instituições médicas e psiquiátricas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

7. Recusamos ser subjugadas aos interesses de nossos inimigos. Queremos retomar o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Estamos comprometidas a buscar esses objetivos juntas.⁷

Este manifesto de cunho anticapitalista e em alinhamento com a interpretação marxista do capitalismo (em que a dominação se exerce externamente e verticalmente), popular no meio acadêmico na década de 70, demonstra já o esforço de interconexão da luta pela libertação das pessoas gordas com outras lutas consideradas da esquerda política, a favor de minorias políticas, como a luta anti-capitalista, anti-racista, anti-sexista, anti-capacitista e anti-etarista. É realizada uma forte crítica à ciência médica e é declarada a luta aos inimigos como capitalistas, indústrias farmacêutica e alimentícia dominantes, indústria da moda e empresas de seguro.

Segundo castillo (2014) na Grã-Bretanha se documentam em 1989 conferências realizadas pelo “London Fat Women’s Group” ligadas à segunda onda do feminismo e movimento de lésbicas.

Bordo (1993) faz um levantamento de algumas das contribuições da crítica feminista/cultural sobre os estudos da cultura da magreza, em constante ampliação na cultura ocidental:

Essa crítica feminista/cultural: (1) colocou em questão a designação de anorexia e bulimia como psicopatologias, enfatizando, em vez disso, as dimensões aprendidas e viciantes dos transtornos; (2) reconstruiu o papel da cultura e especialmente do gênero como primário e produtivo, em vez de desencadeador ou contribuidor; e (3) forçou a reatribuição a causas sociais, dos fatores vistos no modelo médico padrão como pertencentes a disfunção individual. Em relação a (3), muitos dos fatores "não-socioculturais" que foram predominantemente conceitualizados como "distorções" e "delírios" específicos da "patologia" da anorexia e da bulimia revelaram prevalecer entre as mulheres em nossa

⁷ Tradução de Lola Aronovich disponível em:

<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/04/manifesto-da-libertacao-das-gordas.html> Texto postado originalmente em 3 de abril de 2012. Acesso em: 14/05/2017



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cultura. A principal consequência disso, para transtornos alimentares, tem sido questionar o valor clínico da própria dualidade normativa/patológica. (BORDO, 1993, p. 54)⁸

O termo gordofobia vem sendo utilizado e ampliado no Brasil por ativistas gordas/os há pelo menos 7 anos (RANGEL, 2017). A qualificação da gordura varia de acordo com a época e espaço em que vivemos e especificamente na sociedade ocidental moderna em que vivemos atualmente, ser uma pessoa gorda tornou-se um estigma a ser carregado e combatido (LUPTON, 2013).

O conceito de *fatphobia* (SYKES, 2011) surge nos Estados Unidos a partir de militantes gordas(os) que passam a questionar e lutar contra a estigmatização para com o grupo de pessoas gordas. Gordofobia tem diversas definições que no cerne apontam as mesmas problemáticas, a seguir sendo definida por uma militante gorda brasileira:

Forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas. (ARRAES, 2014)

A gordofobia tem especificidades que a diferenciam da pressão estética generalizada sobre as mulheres: pessoas gordas sofrem com o impedimento da acessibilidade (em ônibus, aviões, restaurantes, cinemas, etc.), sofrem para encontrar roupas de seu tamanho nas lojas, sofrem de olhares de valor de juízo quando se alimentam

⁸ Original: “That feminist/cultural criticism has: (1) cast into doubt the designation of anorexia and bulimia as psychopathology, emphasizing instead the learned, addictive dimensions of the disorders; (2) reconstructed the role of culture and especially of gender as primary and productive rather than triggering or contributory; and (3) forced the reassignment to social causes, of factors viewed in the standard medical model as pertaining to individual dysfunction. In connection with (3), many of the “non-sociocultural” factors that have been dominantly conceptualized as “distortions” and “delusions” specific to the “pathology” of anorexia and bulimia have been revealed to be prevalent among women in our culture. The ultimate consequence of this, for eating disorders, has been to call into question the clinical value of the normative/pathological duality itself.”(BORDO, 1993, p. 54)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

publicamente, dentre diversas outras violências. Sendo assim, é constante no cotidiano das pessoas gordas a não aceitação e encontram frequentemente dificuldade de ocupações em espaços públicos. O adjetivo “gorda” geralmente soa como ofensa e como uma qualidade altamente indesejável, diferentemente de “magra”.

Apesar da crítica sobre a estigmatização da gordura corporal ter sido alavancada pelos ideais feministas em relação ao corpo, ela aparece geralmente enquanto pauta secundária dentro do movimento feminista⁹.

O momento atual, que influencia na consolidação da luta contra a gordofobia, pode ser reconhecido como o que a autora Sonia E. Alvarez classificou como o terceiro momento¹⁰ da trajetória feminista latinoamericana, o “*sidestreaming*”, definido como “o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.” (ALVAREZ, 2014, p. 17).

As feministas nesse momento se inserem em campos interseccionais em seus estudos, buscando não anular uma opressão por outra, como ocorreu por muito tempo dentre movimentos de esquerda, e sim cruzá-las, reconhecê-las e pensar em táticas de luta contra essas opressões de maneira diferenciada. Por exemplo, em concomitância à opressão entre classes, há em outro nível a opressão da mulher, e em outro nível a opressão da mulher negra, em outro nível a opressão da mulher gorda, e assim por diante.

A ideia de interseccionalidade é corroborada por outros movimentos políticos e sociais identitários como LGBTQA¹¹ e negro, entre outros movimentos que focam em identidades específicas, levantando problemáticas com lugar de fala, representatividade

⁹ Outras opressões que as mulheres sofrem são tidas como prioritárias como a desigualdade salarial, a violência doméstica, o direito ao aborto legal, etc. Há inclusive ativistas que questionam se o ativismo gordo deveria ser vinculado ao feminismo, uma vez que homens também sofrem gordofobia de maneira diferenciada.

¹⁰ O primeiro momento é o “centramento” em que o feminismo está no singular e o segundo momento é o de “mainstreaming” e de “descentramento” em que ocorre a pluralização dos feminismos e do gênero. (ALVAREZ, 2014).

¹¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Assexuais e Intersexuais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

e protagonismo, sendo entendidos como movimentos pós-modernos por tratarem das questões fragmentárias da identidade (SILVEIRA, 2014). Esses movimentos, que têm interface com o ativismo gordo, têm como característica a noção de fluidez identitária (a identidade gorda, por exemplo, não é estanque, de forma que um corpo gordo pode vir a ser magro e vice-versa) noção ampliada a partir do desenvolvimento da teoria *queer*.

Podemos ver um exemplo da ideia de fragmentação identitária relatada a partir da introdução do livro “Cerde punk” da autora chilena castillo (2014, p. 11):

Estos ensayos desde un feminismo gordo, antikapitalista y antiespecista son una puesta en escena del cuerpo y cada articulación de sentido abona aquella célebre y polisémica rúbrica que marca el escenario somático como campo de batalla. Pero aquí no se habla de cualquier cuerpo, es un cuerpo gordo, lesbiano, anarquista, feminista, antiespecista, practicante de BDSM, sudaca, posporno, glam trash, que le imprimen toda una singularidad a la letra que descarna cada texto.

A autora se coloca a partir de suas múltiplas identidades, buscando localizar o local de onde fala. castillo (2014), que também é inspirada pelo Manifesto de Libertação Gorda e lança o “Manifesto guatanx” (anexo 1).

castillo (2014) identifica militantes canadenses, estadunidenses, espanholas, brasileiras, chilenas, dentre outras, militando pela causa gorda a partir da influência das diferentes formas de fazer política feministas que se desenvolveram recentemente como o “DIY o HTM (Do it yourself o Hazlo tú mismx)” (castillo, 2014, p. 48), em que a militância ocorre a partir de ações individuais por meio da arte (música, teatro), da internet (textos e ensaios), da elaboração de zines, etc.

O ativismo gordo no Brasil vai organizar-se principalmente por meio da *internet*. É possível encontrar principalmente por meio de *blogs*, grupos no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*¹² publicações didáticas sobre o tema da gordofobia (RANGEL, 2016).

¹² Blogs: diários virtuais; Facebook: rede social em que existe a possibilidade de criação de grupos, postagem de fotos, textos e músicas; Youtube: rede de compartilhamento de vídeos; Instagram: rede de compartilhamento de fotos e vídeos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Aqui buscamos mais do que analisar esses períodos do ativismo gordo, apresentá-los e reconhecer suas influências, sendo que uma análise mais detalhada está contida no primeiro capítulo da dissertação.

V. Conclusiones

As formas pelas quais os corpos gordos são vistos pelos agentes na sociedade não é estanque e varia de acordo com história, aspectos culturais e sociais. O ativismo gordo aparece para questionar a crescente estigmatização (estando o processo de estigmatização intimamente ligado ao processo de patologização dos corpos gordos) que os corpos gordos passam a sofrer no ocidente desde o fim do século XIX até os dias de hoje. Em um primeiro momento este ativismo teve influência do ativismo anticapitalista e marxista partindo principalmente dos Estados Unidos e impulsionado pelo movimento *hippie* e pela segunda onda do feminismo do norte do mundo. Em um segundo momento, o ativismo gordo é influenciado pelos movimentos que reivindicam uma multiplicidade identitária, característicos da pós-modernidade, em especial de grupos identitários excluídos e invisibilizados socialmente.

Na atualidade o ativismo gordo vem se desenvolvendo especialmente a partir de redes da internet, tendo a partir aproximadamente de 2014 no Brasil temas centrais discutidos e a criação de conceitos e categorias próprias desses ativistas.

Ao longo da dissertação a ser defendida em 2018, serão estudadas as tendências e características do ativismo gordo no Brasil principalmente em relação à forma de organização, perspectivas ideológicas e estratégias políticas e práticas dos grupos ativistas, sua relação com o mercado *plus size* (que vem aparecendo como alternativa de ponto de encontro de ativistas gordes) bem como as discussões em relação à saúde, gênero, classe, raça, lugar de fala e identidade. Busca-se a partir do estudo das práticas entender como são mobilizados estes aspectos, de forma que entende-se que as práticas dos agentes do ativismo gordo transformam a realidade, deformando campos como o



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

campo econômico, científico e da saúde a partir dos conceitos da teoria praxiológica de Pierre Bourdieu.

Para tal, foram realizados grupos focais com ativistas gordos/as em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Florianópolis.

VI. Bibliografia

ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil**: reflexões sobre o campo feminista. Cadernos Pagu, Campinas: UNICAMP, janeiro-junho de 2014.

ARRAES, Jarid. **Gordofobia como questão política e feminista**. Revista Fórum, [s.l.], setembro 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/phOA7I>> Acesso em: 10 de janeiro de 2017

BORDO, Susan. **Unbearable weight**: feminism, western culture and the body. Los Angeles and London: University of California Press, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. Trad. de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983 a, p. 46-81.

castillo, constanzx alvarez. **La cerda punk**: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista. Valparaíso: Trío editorial, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

MAZON, Marcia da Silva. “A transição nutricional e a sua sociologia: o dilema alimentar no século XXI.” In: Novas práticas alimentares no mercado global.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Florianópolis, UFSC, 2010. NESTLE, Marion. **Safe Food**. Berkley, Los Angeles, London: University of California Press, 2003.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia**. 2017. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/178668/TCL%20Nat%20C3%A1lia%20Rangel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em: 7 jul. 2017.

SENNETT, Richard. **Corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVEIRA, Gabriella Nunes da. **A pós-modernidade nos movimentos feministas: novos atores, novos desafios**. Anais 18º REDOR, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/733/804> Acesso em 10 mai 2017.

STENZEL, Lucia Marques. **Obesidade: o peso da exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO 1 - MANIFESTO GUATONX (GORDX)

MANIFESTO GUATONX

Anarkopóreos. El punk nunca hará dieta.

Nuestro kuerpo, el primer enemigo

Es ahora, en el presente gordx



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Porque no se nace gordx, se llega a serlo...

Enunciamos, “algunas chicas son más grandes que otras”

Somos lxs anarkorporeos

Nosotrxs proclamamos;

Que ante todo reconstruiremos nuestras vidas desde lo que somos,

lo que molesta,

el desborde del(a) chanchx que si desea vivir.

Somos golozxs y tentadx,

puro eros vuelto placer por la buena mesa y las vacanadas.

Nos gusta el calor que brinda la grasa en esos días de invierno.

Y ante una cultura del recato,

la buena presencia y el ser ubicaditx,

nosotrxs somos las trincheras del fascismo/dictadura de la piel.

Somos vida desbordada de placer oral

Porque nos gusta comer y no queremos reprimirnos tales deseos.

Sólo para que le pueda gustar a la familia,

al compañerx sexual de paso o al jefe que no me quiso contratar por la mala presencia.

Somos la denuncia andante de las inconsecuencias de la democracia de los cuerpos

Cueste lo que cueste

Porque nuestros placeres estomacales no los transamos.

Somos quienes no nos resistimos a desaparecer ante el adelgazamiento de las diferencias

corporales.

Porque el ser gordx no es algo anecdótico,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

es político,

contra lo establecido.

...“Lo que no encaja, lo que excede, lo que estalla límites, costuras y cierres, asientos de micros, fronteras, ficciones, deseos”.

Acá están mis pliegues,

acá están mis rollos,

acá esta el cuerpo,

ese que no corresponde,

ese que aparentemente nadie quiere follar,

este cuerpo enfermo.

Hablamos como gordxs, guatonxs,

desde las estrías, celulitis, rollos grasientos y sebosos

que recorren nuestros cuerpos desbordados,

el eterno sobrenombre escolar,

como proletarixs de la belleza y salud,

más deseantes que deseables.

Hablamos las guatonas transfeministas, radicales,

porque no basta con destruir el género

si no dinamitamos también las normas corporales.

Porque en el fondo, le damos asco a tu sistema de vigorosidad, fortaleza, fecundación y fuerza (de trabajo y militar).

Hablamos lxs gordxs que no comemos carne,

lxs que creemos que el racismo, el sexismo, el heterosexismo



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

y el especismo son rejas necesarias de destruir.

Lxs que no queremos trabajar,

lxs que deseamos dejar de ser, abortar.

Lxs que no queremos parir, estar en huelga.

También hablamos las gordos peludas, hediondas,

las feos, maricones hiperfemeninos,

quienes no salimos en las pornos si no es a modo de fetiche,

las camionas, desaliñadas, las que eructan en la mesa,

asquerosos, perturbadoras, excesivos,

nunca calladas ni impecables.

Éramos la gordita buena onda,

la que nadie sacaba a bailar,

la que jamás logró mantener una dieta,

la avergonzada, la que se cubría,

la “guatona culiá”, a esa que siempre le querían cerrar la boca,

la chancha, lechona, obesa, bola de grasa, aceitosa,

ballena, el java, el empolvado, el Gonzalo Cáceres,

el bola/pelota, el manteca.

Para el resto nuestro cuerpo es un gran globo deformado, grasiento.

Porque todxs somos potencialmente guatonas anoréxicos.

No queremos modificarnos

o que nos acepten por “lo que somos por dentro”,

ni auto- torturarnos con dietas y ejercicios extremos,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

queremos que los deseos se desaprendan
y que nuestro cuerpo se transforme en potencia de deseo por el simple
hecho de ser cuerpo.

Hablamos para los gordas que aún se encuentran en el espacio
del silencio, de la vergüenza, de la burla...

Les invitamos no a salir del closet de las tallas, sino que a destruirlo...

El espejo no es un reflejo de la realidad,
lo que vemos en él no es más que una construcción social necesaria de reconstruir.

Sacamos las garras, aullamos como lobas y salimos de espacio del silencio.

HOY GORDE AYER PUTA MAÑANA LOBO

Texto escrito junto a Samuel Hidalgo/Salmuera. *Las frases en comillas están tomadas del
GordaZine!, publicación amiga- hermanad (castillo, 2014, p.28-31)



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio